Simpósio Temático 24

Bruna Demes Gonçalves Franco
Universidade Estadual do Ceará

Título da Comunicação: "O Havaí é aqui": o Surfe como prática marítima em Fortaleza (1972-1986)

RESUMO: Em Fortaleza, o estabelecimento das relações da sociedade local com o mar se deu de forma muito peculiar. Durante muito tempo, o mar não foi muito significativo para a configuração da cena urbana. Dessa forma, pode-se perceber que Fortaleza estabelecia apenas relações pontuais com o mar. A partir da década de 1970, de uma maneira mais abrangente, as práticas marítimas e o veraneio atingiram a totalidade dos espaços litorâneos do Ceará. Diante dessa nova configuração, novas demandas de lazer foram incorporadas e com elas o Surfe. Influenciados pelos esportes praticados na Califórnia e Rio de Janeiro, alguns jovens das classes mais abastadas da cidade, passaram a praticar o Surfe em Fortaleza, inaugurando uma maneira peculiar de se relacionar com o mar, a praia, o próprio corpo e o equipamento técnico. Dentro desse contexto de "descoberta da praia", o surfe, enquanto prática de lazer, chegava ao Ceará, modificando ainda mais o uso que diversos jovens faziam da cidade. A Praia do Meireles ou a Praia de Iracema já não convidavam apenas as famílias, com as mulheres e filhos, que arriscavam, cautelosamente, molhar-se em águas salgadas; ou ainda, pescadores que saíam em busca de seu sustento em suas jangadas, mas jovens descendo sobre as ondas em suas pranchas de madeira ou isopor que passaram a inaugurar um novo tipo de relacionamento com a praia e a cidade Agora, era o corpo do surfista, intermediado pela prancha, que buscava movimento entre as ondas. Nesse período, o objetivo era apenas um: a diversão. A descoberta de novos pontos de surfe também fazia parte desse trajeto que era uma verdadeira aventura frente às limitações que os equipamentos da cidade impunham. Quando o Titanzinho revelou-se como o pico dos sonhos, levar e trazer as enormes pranchas tão característica da época não deixava de ser um desafio. Verificamos que os surfistas estabeleciam práticas de espaço bastante interessantes e totalmente peculiares. Muitas vezes, o trajeto pela praia era determinado pelo próprio mar: de acordo com a mudança da maré, o percurso pela beira da praia era delineado. A descoberta de novos pontos de surfe também fazia parte desse trajeto que era uma verdadeira aventura frente às limitações que os equipamentos da cidade impunham. Quando o Titanzinho revelou-se como o pico dos sonhos, levar e trazer as enormes pranchas tão caractAssim, a natureza determinava não só o lugar onde o surfe era praticado, mas como era praticado e até mesmo o percurso traçado. Percebemos que tal percurso era totalmente peculiar e mostrava total integração do sujeito, da cidade e da natureza.erística da época não deixava de ser um desafio. Essas atividades não se estabeleciam apenas na praia, mas já se iniciavam no trajeto até ela. Entre eles, havia certo espírito de aventura que caracterizava os ritos de chegada na praia. De tal modo, os trajetos estabelecidos dependiam de diversos fatores: do peso do equipamento, da amizade com alguém que possuía prancha e da distância a ser percorrida. Estar na praia às vezes significava um problema com os pais, outras vezes eram impedidos de entrar nos ônibus com o equipamento. Para aqueles jovens surfistas, havia uma demarcação, mesmo que de forma imaterial, do mar. Determinados grupos de surfistas julgavam-se "donos" das praias cujas ondas eram melhores. Surfistas menos experientes eram proibidos de pegar ondas nas praias onde os mais velhos e mais experientes estivessem surfando. A relação deles com o equipamento também se configurava de maneira peculiar, intermediada pelo artefato técnico esta relação configurou-se inicialmente como um aspecto de uma cultura urbana burguesa, na medida em que em que exigia o uso de um equipamento caro, muitas vezes não encontrado em terras cearenses.

Tal artefato, ao longo do tempo, sofreu alterações em sua forma, material, tamanho e peso. Diante da dificuldade de comprar as pranchas, surgiu a necessidade fabricar o próprio equipamento. Na garagem das casas, eles passaram a fazer, de maneira bem artesanal, os equipamentos de segurança. Diante da dificuldade de comprar as pranchas, surgiu a necessidade fabricar o próprio equipamento. Na garagem das casas, eles passaram a fazer, de maneira bem artesanal o equipamento. Com o tempo, o equipamento passou a ser a marca identitária de cada um. Era costume fazer a prancha igual ao de um surfista conhecido, ou ainda, passar alguma idéia que revelasse a personalidade do dono. Esta relação, intermediada pelo artefato técnico configurou-se inicialmente como um aspecto de uma cultura urbana burguesa, na medida em que em que exigia o uso de um equipamento caro, muitas vezes não encontrado em terras cearenses. Tal artefato, ao longo do tempo, sofreu alterações em sua forma, material, tamanho e peso. Pode-se perceber que os surfistas possuíam uma imagem peculiar, que os faziam pertencentes ao mesmo grupo. Isso é revelado na prancha, no modo de se vestir e em seus próprios corpos. Eles se identificavam e eram identificados pela sua imagem, pelas cores das roupas e pela maneira de agir. O início da prática do surfe provocava alterações substanciais no corpo de cada jovem: bronzeamento da pele e clareamento dos cabelos pelo tempo excessivo exposto à luz solar, corpos magros e barrigas esguias, devido à prática constante de uma atividade que consome muita energia, além das mudanças feitas de maneira consciente, como a feitura de tatuagens e o corte de cabelo no estilo “new wave”. Por isso, este trabalho tem o objetivo de analisar a prática do Surfe entre o início dos anos 70 e meados dos anos 80 como forma de verificar em que medida os praticantes dessa atividade passaram a estabelecer uma relação antes nunca experimentada com a praia, com a cidade, verificando também a relação do corpo do surfista com a prática marítima e também Avaliar a relação entre corpo e o estereótipo do surfista, percebendo como esse grupo se diferenciava através dele. Compreender a relação entre o surfista, seu equipamento técnico e o mar, verificando em que medida o artefato técnico e natureza passaram a se relacionar, contribuindo para a percepção de certa natureza-cultura.